

# Visibilidade das mulheres na comunidade brasileira de pesquisa em matemática: formação, pesquisa e prestígio

Gabriela Marino Silva<sup>1</sup>, Maria Conceição da Costa<sup>2</sup>  
DPCT/UNICAMP, Campinas, SP

Embora seja relevante que as mulheres venham aumentando sua presença na pesquisa no Brasil, não se pode ignorar que as trajetórias de homens e mulheres sejam diferenciadas. Por um lado, observa-se que homens e mulheres se distribuem de maneira desigual entre as diversas áreas do conhecimento, as quais são identificadas como “masculinas” ou “femininas”. Por outro, se evidencia o desaparecimento das mulheres de cargos mais altos e de posições de prestígio e liderança. Esses processos de diferenciação e de produção de desigualdades são resultantes de múltiplos fatores [1–8].

Historicamente, na matemática, há sub-representação de mulheres, sendo a atuação feminina marcadamente associada à educação [9, 10]. Tendo isso em vista, esta comunicação traz análises acerca da presença relativa das mulheres entre pesquisadores em formação (mestres e doutores), docentes que atuam na pós-graduação e bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ) – status que denota posição de prestígio na comunidade.

A coleta foi realizada a partir dos dados abertos da Plataforma Sucupira, considerando discentes e docentes credenciados em Programas de Pós-graduação (PPG) avaliados pela CAPES na área Matemática / Probabilidade e Estatística, entre 2013 e 2018<sup>3</sup>. Valendo-se de abordagem interseccional e considerando-se o contexto brasileiro [11, 12], as disparidades entre homens e mulheres foram desagregadas por região e modalidade do programa – acadêmico (mestrado e doutorado) e mestrado profissional. Como a base não contava com dados de autodeclaração racial, as relações étnico-raciais, embora estruturantes da realidade social brasileira, não foram consideradas.

No que tange à formação para a pesquisa, as mulheres estão mais presentes nas regiões Sul e Sudeste. Nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, elas se encontravam em maior proporção nos PPG acadêmicos. Além disso, na modalidade acadêmica, menos de 30% dos títulos foram outorgados a mulheres, enquanto no mestrado profissional, foram cerca de 22%.

No que diz respeito às docentes que atuam na pós-graduação, observa-se que, em geral, sua presença relativa aumentou. A região Sul apresenta o percentual mais alto de mulheres e as regiões Norte e Nordeste o menor. Uma maior proporção de mulheres no mestrado profissional é observável em todas as regiões do país.

Ademais, as bolsas PQ estão concentradas na região Sudeste, a qual apresentou discrepância entre a proporção de mulheres credenciadas em PPG e bolsistas. Já a região com o menor percentual de mulheres bolsistas foi o Nordeste, detentora de um quinto das bolsas.

O conjunto de resultados apresenta um cenário complexo, sendo que a presença relativa de mulheres varia dependendo do nível da carreira, modalidade do programa e região. Como aumentar a presença feminina é uma questão que vem angariando interesse da comunidade matemática em

---

<sup>1</sup>g091292@dac.unicamp.br

<sup>2</sup>dacosta@ige.unicamp.br

<sup>3</sup>Os resultados apresentados são parte de tese de doutorado em andamento, que cobre um período maior (2004 a 2018). O levantamento aponta um crescimento constante dos PPG, com aumento expressivo de títulos outorgados e de docentes credenciados em 2013. Dado o escopo da tese, os programas identificados como sendo exclusivamente de estatística foram desconsiderados.

tempos recentes, as propostas para a construção da igualdade de gênero devem levar em conta tal diversidade.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - processos 140873/2020-1 e 310503/2019-1 - e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradecemos também à CAPES pela disponibilização de dados sobre a pós-graduação e pela manutenção da Plataforma SUCUPIRA.

## Referências

- [1] B. Castro e M. M. Chaguri. “Gênero, tempos de trabalho e pandemia: por uma política científica feminista”. pt. Em: **Linha Mestra** 41a (set. de 2020), pp. 23–31. ISSN: 1980-9026. DOI: 10.34112/1980-9026a2020n41ap23-31.
- [2] B. S. Lima, M. L. S. Braga e I. Tavares. “Participação das mulheres nas ciências e tecnologias: entre espaços ocupados e lacunas”. pt. Em: **Gênero** 16.1 (2015), p. 11 –31.
- [3] M. M. Lopes e M. C. da Costa. “Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências”. Em: **Gênero nas Fronteiras do Sul**. Ed. por M. L. Quartim de Moraes. 2005. ISBN: 85-88035-02-3.
- [4] H. P. de Melo e M. C. P. Casemiro. “A Ciência no Feminino: uma análise da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Ciência”. pt. Em: **Revista Rio de Janeiro** 11 (2003), p. 24.
- [5] N. M. Osada e M. C. da Costa. “A construção social da "nova"biologia: relações de gênero nos laboratórios do Projeto Genoma da FAPESP”. Em: **Cadernos de Gênero e Tecnologia** 3.10 (2007), pp. 21–34. ISSN: 2674-5704.
- [6] J. C. Pereira. “Ser cientista: tensões entre gênero e ciência”. pt. Tese (Doutorado em Educação). Pelotas, SC: Universidade Federal de Pelotas, 2011.
- [7] V. M. dos Santos. “Uma "perspectiva parcial"sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil”. pt. Em: **Revista Estudos Feministas** 24.3 (dez. de 2016), pp. 801–824. ISSN: 0104-026X. DOI: 10.1590/1806-9584-2016v24n3p801.
- [8] A. S. Tavares. “Do plural ao singular: um estudo sobre as condições de gênero, carreira científica e desenvolvimento na região Norte”. pt. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins, 2014.
- [9] M. F. Cavalari. “A matemática é feminina? Um estudo histórico da presença da mulher em institutos de pesquisa em matemática do estado de São Paulo”. pt. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2007.
- [10] L. C. Menezes. “Gênero, ensino e pesquisa em matemática: um estudo de caso”. pt. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Salvador, Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2016.
- [11] M. C. da Costa e R. B. Feltrin. “Desafios da Interseccionalidade em Gênero, Ciência e Tecnologia”. pt. Em: **Cadernos Pagu** 47 (2016). ISSN: 0104-8333.
- [12] B. S. Lima e M. C. da Costa. “Gênero, ciências e tecnologias: caminhos percorridos e novos desafios”. pt. Em: **Cadernos Pagu** 48 (2016). ISSN: 0104-8333.